



## A formação histórica e territorial da Rádio Educadora Rio Doce em Governador Valadares-MG (1950-1960)

Patrícia Falco GENOVEZ<sup>1</sup>

Denise Rodrigues ALVES<sup>2</sup>

### Resumo:

O artigo versa sobre a formação histórica e territorial do primeiro veículo de radiodifusão sonora de Governador Valadares-MG, a Rádio Educadora Rio Doce, entre 1950 e 1960. Trata-se de um estudo interdisciplinar – por contemplar uma abordagem territorial da Geografia da Comunicação – e inédito, considerando-se que não há estudos sobre a rádio e toda a sua documentação encontra-se dispersa. Optou-se por uma pesquisa qualitativa, guiada pela História Oral. A abordagem narrativa foi adotada para a análise com o intuito de refletir a respeito dos sujeitos envolvidos no surgimento e consolidação da rádio e de suas interações na constituição de uma territorialização efetiva da Rádio Educadora Rio Doce. Como resultado, compreendeu-se que os participantes consolidaram uma narrativa da emissora articulada ao ideal de progresso e de modernidade, mobilizando a população local em vários contextos, tornando-se uma referência na defesa dos interesses da cidade, apesar da censura, perseguição de alguns radialistas e de ter sido fechada em uma ocasião, por razões políticas locais.

**Palavras-chave:** Rádio Educadora Rio Doce; formação histórica e territorial; Geografia da Comunicação.

## The historical and territorial formation of Educadora Rio Doce Radio in Governador Valadares-MG (1950-1960)

### Abstract:

The article deals with the historical and territorial formation of the first radio broadcasting vehicle in Governador Valadares-MG, Educadora Rio Doce Radio, between 1950 and 1960. It is an interdisciplinary study – since it has in mind a territorial approach of the Geography of Communication – and unpublished, considering that there are no studies on the radio and all its documentation is scattered. The way out was a qualitative research, guided by Oral History. The data analysis approach adopted and representation was the narrative study Looking for a deep insight on the subjects involved in the emergence and consolidation of the radio and their interactions in the constitution of an effective territorialization of Educadora Rio Doce Radio. As outcome, it was found that station embodied the ideal of progress and modernity, mobilizing the local population in various contexts, and became a reference in the defense of the city's interests. It suffered censorship, had its broadcasters persecuted and it was even closed on one occasion, for local political reasons.

**Keywords:** Radio Educadora Rio Doce; historical and territorial formation; Communication Geography.

---

1 Doutora em História Contemporânea pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território e pesquisadora do Observatório Interdisciplinar do Território da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). *E-mail:* patricia.genovez@univale.br

2 Mestre em Gestão Integrada do Território. Professora do curso de Direito da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). *E-mail:* denise.alves@univale.br





## La formación histórica y territorial de la Rádio Educadora Rio Doce en Governador Valadares-MG (1950-1960)

### Resumen:

El artículo trata de la formación histórica y territorial del primer vehículo de radiodifusión de sonora en Governador Valadares-MG, Rádio Educadora Rio Doce, entre 1950 y 1960. Se trata de un estudio interdisciplinario – ya que contempla un abordaje territorial de la Geografía de la Comunicación – e inédita, considerando que no existen estudios sobre la radio y toda su documentación está dispersa. Optamos por una investigación cualitativa, guiada por la Historia Oral. El enfoque adoptado para el análisis y representación de los datos fue el estudio narrativo con el objetivo de reflexionar sobre los sujetos involucrados en el surgimiento y consolidación de la radio y sus interacciones en la constitución de una territorialización efectiva de la Rádio Educadora Rio Doce. Como resultado, se entendió que la emisora encarnó el ideal de progreso y modernidad, movilizándolo a la población local en diversos contextos, y se convirtió en una referencia en la defensa de los intereses de la ciudad. Sufrió censura, persiguieron a sus locutores e incluso fue clausurado en una ocasión, por motivos de política local.

**Palabras clave:** Rádio Educadora Rio Doce; formación histórica y territorial; Geografía de la comunicación.

### Introdução

O tema abordado neste artigo é a formação histórica e territorial da Rádio Educadora Rio Doce de Governador Valadares-MG entre as décadas de 1950 e 1960, considerando como questão norteadora como se deu essa formação, a partir das narrativas dos aspectos históricos da constituição da referida rádio. Isto posto, reputamos o ser humano como o ser da palavra e, com isso, da narrativa que está por toda parte e imbricada em todos os fenômenos humanos com traços de significação (Rapport; Overing, 2000).

Ademais, estaremos conceituando o território como “produto histórico de mudanças e permanências ocorridas num ambiente no qual se desenvolve uma sociedade” (Saquet, 2009, p. 81). O conceito de território está na discussão da Geografia, entretanto, o entendimento referenciado aqui faz uma aproximação com a história, já que se busca a compreensão da formação histórica do território no nível do vivido (Saquet, 2009). Por conseguinte, enquanto apropriação do ambiente construído imerso numa teia de relações recíprocas e variáveis, o processo de formação territorial de uma rádio passa a ser considerado a partir da apropriação social que emerge nas narrativas daqueles que vivenciaram seu processo de formação e consolidação.

No diálogo entre a Geografia e a Comunicação, destaca-se a produção científica interdisciplinar e multidisciplinar do Grupo de Pesquisa Geografias da Comunicação, criado em 2008, no âmbito da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação



(INTERCOM), favorecendo o intercâmbio de ideias entre comunicólogos e geógrafos. Os temas pesquisados são: comunicação local, regional, internacional e intercultural; territórios midiáticos; espaços, comunidades em rede; geografia humana, estudos de mídia e indústria de mídia, entre outros correlacionados.

As geografias da comunicação tratam desse contexto: privilegiam o espaço (e, nele, os fluxos informativos e as mediações tecnológicas) como campo de observação das interações reais e simbólicas entre pessoas e pessoas, entre pessoas e indústrias, entre pessoas e Estados, entre pessoas e ambientes. A observação dos sistemas de mídia e de telecomunicações é determinante para a análise das várias camadas de contextos – geográfico, midiático cultural, econômico, político, identitário – que compõem o processo contemporâneo da comunicação. O campo das geografias da comunicação se ocupa dos fluxos que movem os interesses do público, do Estado e das corporações. Nesse sentido, sua configuração demandará sempre estudos que sejam plurais, interdisciplinares e cooperativos (Moreira, 2012, p. 16).

A partir dessa interação interdisciplinar emerge uma leitura conjunta dos fenômenos, levando em conta o espaço geográfico não apenas como um palco para os processos comunicacionais, mas como espaço apropriado pelos atores sociais, sendo a comunicação realizada ali condição e também produto de uma processualidade histórica. Nesse sentido, o artigo parte dos primeiros registros referentes à rádio Educadora Rio Doce para, num segundo momento, refletir sobre sua formação territorial no contexto municipal e regional.

### **A Rádio Educadora Rio Doce a partir dos memorialistas**

A Rádio Educadora Rio Doce ainda não foi alvo de estudos preliminares, o que impede a elaboração de uma revisão bibliográfica em *sites* de buscas. Registros referentes ao seu surgimento constam em memorialistas locais, exigindo um trabalho de garimpagem no intuito de selecionar informações pertinentes. Há também documentos que corroboram e complementam os memorialistas. Dentre eles, o primeiro contrato social da empresa datado de 11 de maio de 1949, cuja inauguração ocorreria no ano seguinte. O documento traz uma narrativa inaugural das atividades da rádio, com os seguintes sócios: Sotero Inácio Ramos e Walter Inácio Ramos (pai e filho), Reverendo Boanerges de Almeida Leitão, Olegário Mesquita, Aristóteles Assunção de Mendonça (gerente), Francisco Nora Horta Barbosa e Satulano de Moraes. No contrato consta que a sociedade surgiu com a finalidade de instalar e manter uma estação emissora “broadcasting”, expressão em língua inglesa que pode ser traduzida por

*transmissão*, nesse caso, de sinais de rádio. A empresa, portanto, teria nascido com o propósito de fazer a divulgação de anúncios, notícias, conferências, programas musicais, culturais, etc. Ainda estava prevista contratualmente a possibilidade de ampliação dos objetivos, conforme permitissem os recursos financeiros (Radio Educadora..., 1949).

Não há referência a todos os sócios, mas Sotero Inácio Ramos emerge na narrativa memorialista como um homem empreendedor e pioneiro na cultura local (abertura de cinemas), na comunicação (rádio), nos serviços públicos (água encanada e energia elétrica) e até mesmo na criação de uma fábrica de picolés (Dunga, 2016). Tal pioneirismo teria rendido várias homenagens, dentre elas ter um bairro (na região leste de Governador Valadares) batizado com seu nome: Conjunto SIR (abreviatura das iniciais de seu nome). Vaz (1984, p. 98) explica:

O Sr. Sotero Inácio Ramos era um desses homens cheios de ideais e carregava com ele muito amor por esta terra. Sonhava com o progresso e em 1950 um de seus sonhos tornava-se realidade com a inauguração da Rádio Educadora Rio Doce. Foi ele o batalhador para esse acontecimento e ele foi o primeiro diretor de rádio, cujas programas ficaram sendo orientados pelos Srs. Geraldo Vieira Ribeiro e Raiff Zaidan.

Além de Walter, filho de Sotero, chama a atenção a presença do reverendo Boanerges, pastor da igreja Presbiteriana, o que nos leva a considerar alguns aspectos históricos da cidade. De fato, Governador Valadares não emergiu a partir da Igreja Matriz, como boa parte das cidades mineiras. Surgiu às margens de um porto (Porto das Canoas), em função da instituição de Quartéis Militares estabelecidos ao longo do rio Doce; e a Igreja Católica, embora presente desde o século XIX visando à catequização “civilista” da população originária da região (denominada pelo Estado como Botocudos), capitaneada por Marlière, estabeleceu-se pouco após a primeira igreja Presbiteriana (por volta de 1910), em 1915 com a criação da Paróquia de Santo Antônio (Espindola, 1998). A presença inicial do reverendo na rádio, mais uma vez, realça a presença protestante na cidade, reafirmando sua visibilidade social e equiparando-se aos católicos (Silva, 2006).

O documento contratual também ressoava a valorização nacional, explicitada pelo mesmo lema da bandeira brasileira “Ordem e Progresso”, aspectos bem disseminados ao longo do Estado Novo, encerrado em 1945 (Levine, 2001). Entretanto, buscava manter uma certa neutralidade política e religiosa:



A RÁDIO EDUCADORA RIO DOCE LIMITADA não terá côm política e nem religiosa, porquanto o seu escopo será a moderada e conscienciosa educação geral e o desente interesse comercial da sociedade; tonando-se para tanto imprescindível o espírito de tolerância, liberalidade, fraternidade e respeito mútuo e recíproco, o espírito cristão, em suma, tendo em mira a sublime divisa do Pavilhão Nacional – ‘ORDEM E PROGRESSO’ (Radio Educadora..., 1949, p. 2).

A narrativa documental postulou o propósito de valorizar o *espírito cristão*. Há também uma tendência de reverenciar a educação, o que reflete o pensamento de Roquette-Pinto, um dos pioneiros da radiodifusão no Brasil, que declarava, até de forma utópica, que o novo veículo de comunicação democratizaria o acesso ao ensino formal (Gilioli, 2008). Cabe destacar, além disso, que o contrato estabeleceu o interesse comercial da sociedade cuja finalidade era obter lucro, fato previsto na legislação. Não obstante os ganhos esperados, o documento também previu a observância ao respeito mútuo e recíproco, à fraternidade, à tolerância e à liberalidade (Radio Educadora..., 1949).

Posteriormente, em 1950, foi feito um adendo ao contrato social, permanecendo na sociedade apenas Sotero e Walter Inácio Ramos. A partir de 08 de julho de 1950, a gerência da sociedade passou a ser exercida somente por Walter Inácio Ramos (Radio Educadora..., 1950). A referida modificação contratual se deu alguns dias após a publicação da concessão no Diário Oficial da União, que ocorreu no mês de junho de 1950. Inicialmente, muitos atores se mobilizaram como sócios registrados no primeiro contrato. Entretanto, assim que a concessão foi efetivamente obtida, o arranjo administrativo da empresa remodelou-se, ficando a firma apenas com os sócios da família Ramos, sendo que Walter manteve a quantidade de cotas e Sotero absorveu as cotas dos demais antigos sócios. Dessa maneira, segundo os documentos, a rádio passou a ser uma empresa familiar, por mais de 14 anos ininterruptos, sem mudanças no comando e nem na linha de comunicação adotada.

Mesmo com tudo pronto, a Educadora Rio Doce não entrou no ar de imediato. Os proprietários optaram por agendar a inauguração para o feriado de 7 de setembro de 1950, com a presença de Getúlio Vargas, que estava em campanha para voltar ao cargo de presidente da República (Oliveira, 2016). Evidentemente que a presença do candidato ilustre emprestava tons partidários à nova rádio, tornando-a um ator político no cenário local, num momento grandioso quando de sua inauguração (Figura 1 e Figura 2).





Figura 1 - Inauguração da Rádio Educadora Rio Doce-GV, 07 set. 1950



Fonte: Imagem cedida por um dos participantes da pesquisa.

Figura 2 – Getúlio Vargas em Governador Valadares, 1950



Fonte: Museu da Cidade.

As figuras 1 e 2 mostram a comoção causada pela inauguração da rádio e a relevância que o município alcançava no contexto político nacional com a presença do candidato Getúlio Vargas. Percebe-se na fotografia a multidão e, dentre as faixas posicionadas em frente à rádio, o apoio político ao candidato brigadeiro Eduardo Gomes da União Democrática Nacional (UDN), adversário de Getúlio Vargas, candidato pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). As faixas de apoio ao brigadeiro demonstram claramente as lideranças rurais do município numa oposição ao populismo getulista, incorporando a base sindical urbana (Schmitt, 2000). A Rádio Educadora Rio Doce já se apresentava, desde o primeiro momento de existência, como uma canalizadora de ideários políticos que conflitavam ou se alinhavam na sociedade valadarense das décadas 1950 e 1960.

Naquele momento histórico, a narrativa memorialista constituiu uma rádio que encarnava o ideal de progresso sonhado pelos seus pioneiros. Narrativa que, diga-se de passagem, postulava a modernidade visando a abandonar as características de vilarejo do sertão do Rio Doce e tornar a cidade cada vez mais moderna. Existiam, nessa época, 276 rádios oficialmente autorizadas a funcionar em 1950 no Brasil. O fato de Governador Valadares ser um dos municípios com esse diferencial o colocava em um patamar relevante regional e até nacionalmente.

De certa forma, a rádio consolidava um movimento iniciado entre os anos de 1915 e 1920, quando foi executado o novo traçado urbano do então distrito de Figueira (futuro município de Governador Valadares) feito pelo topógrafo Olympio de Freitas. O carpinteiro

José Serra Lima de Oliveira foi imbuído da função de fiscal, responsável por fazer a medição dos lotes, garantindo a execução da planta com largas avenidas e ruas espaçosas, planejadas para trazer um ar moderno à cidade (Genovez, 2022, 2019; Guimarães, 2009). De fato, a chegada da rádio tornava Governador Valadares uma cidade diferenciada, consolidando sua expressão urbana moderna, “um sinal de que a cidade havia atingido o porte e o tamanho de cidade maiorzinha, de cidade que já comporta e reclama atenções especiais” (Pimenta Filho, 1979, p. 88). De certa forma, podemos indiciariamente ponderar que a inauguração da rádio coroou esse processo e, talvez por isso e pelo papel político da cidade, tenha gerado enorme mobilização social, com a “presença de Getúlio Vargas, candidato à presidência da República, em 1950” (Santos, 2006, p. 44).

Seu funcionamento ocorreu nas dependências do Cine Ideal (edificação ainda existente, localizada na esquina da rua Bárbara Heliodora com a avenida Minas Gerais), utilizado para exibição de filmes. Além dessa função principal, a partir de então, ganhou dois papéis simultâneos: receber o público para assistir a grandes shows e também ser o palco de apresentação dos artistas para transmissão na rádio Educadora Rio Doce. Na foto a seguir (Figura 3), é possível notar o auditório completamente lotado. Além dos assentos com ocupação máxima, os corredores estavam intransitáveis, com muitos espectadores acompanhando a apresentação artística de pé.

Figura 3 - Foto do Cine Ideal com o público aguardando show com transmissão da Rádio



Fonte: Imagem cedida por um dos participantes da pesquisa.

A grande aglomeração que podemos observar na plateia do Cine Ideal demonstra o alvoroço que a apresentação de um artista famoso causava na sociedade valadarense da década de 1950. Analisando a imagem da superlotação, pode-se dimensionar o quanto tais eventos geraram uma quebra do cotidiano e permitiram vivenciar atividades típicas dos grandes centros brasileiros. Foi registrado dentre os documentos da rádio que a cantora Emilinha Borba também se apresentou no Cine Ideal, no auditório da rádio, que fez a transmissão ao vivo do espetáculo. A Rádio continuava recebendo shows com artistas renomados nacionalmente. Naquela época, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro mantinha um concorrido show de calouros e também o concurso “Rainhas do Rádio”, criado em 1937 pela Associação Brasileira de Rádio. Os votos eram impressos na *Revista do Rádio*. Emilinha Borba (Figura 4) era um grande expoente daquela geração de grandes cantoras (Dângelo, 2016), figurando entre os nomes mais conhecidos nacionalmente, o que garantia uma projeção para a Rádio Educadora Rio Doce tanto local quanto regionalmente.

Figura 1 - Cantora Emilinha Borba no auditório da Educadora Rio Doce (dez. 1950)



Fonte: Imagem cedida por um dos participantes da pesquisa.





Marlene, cantora reconhecida nacionalmente e um dos maiores mitos do rádio brasileiro, conquistou a faixa de Rainha do Rádio de 1950, passada a ela por Dircinha Batista (1949). O triunfo de Marlene ocorreu em virtude da generosa colaboração da Companhia Antartica Paulista, que estava lançando o Guaraná Caçulinha. Com o contrato fechado, a empresa deu um cheque em branco para que ela comprasse quantas revistas conseguisse e mobilizasse seu fã-clube. Marlene foi eleita com aproximadamente 530 mil votos. Ademilde Fonseca ficou em segundo lugar, seguida de Emilinha, em terceiro. Em 1951, o título foi destinado à Dalva de Oliveira e em 1952 à Mary Gonçalves (Franco, 2016).

Emilinha Borba foi coroada Rainha do Rádio em 1953 com uma eleição estrondosa e de grande apoio do público. O número era tão expressivo que ultrapassou a soma das outras concorrentes (Dângelo, 2016). A presença de uma grande estrela na Rádio Educadora Rio Doce expressava a consistência daquele veículo de comunicação para a cidade, inclusive como meio de fomento à cultura. Os ouvintes tinham a oportunidade de presenciar um programa de auditório tal qual estavam acostumados a ouvir na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, porém feitos na sua própria cidade.

A narrativa da modernidade que percorria o aspecto urbanístico impregnou a rádio e estava presente no roteiro do programa “Pelas Ruas da Princesa”, do locutor Jarbas de Oliveira, datado de 30 de setembro de 1955, cujo tema principal era a homenagem pelo aniversário de um ano do Cine Palácio, outro cinema de Governador Valadares. O radialista parabenizou Sotero Inácio Ramos pelo empreendimento, destacando suas características ligadas ao conforto, como poltronas estofadas e ar condicionado renovado, além da qualidade de projeção, obtida por meio da aquisição de modernos aparelhos. O sistema Cinemascope era uma grande novidade do mercado cinematográfico na década de 1950, que permitia o uso da tela panorâmica com a utilização de um só projetor, de modo que a imagem era comprimida horizontalmente na filmagem, para posterior alargamento novamente por lentes especiais na projeção (Vargas, 2013). Tanta tecnologia trazia para Governador Valadares ares de modernidade, seguindo os passos de capitais e grandes centros brasileiros e dando aos valadarenses a sensação de estarem mais próximos do circuito cultural das metrópoles, já que





o cinema local tinha condições técnicas de exibir os filmes recém-lançados, dada a atualidade tecnológica da sala de exibição.

Nas comemorações da primeira década de existência da Rádio Educadora Rio Doce ressoam seu papel social, político e cultural de tudo que fora propagado “em defesa da cidade e de seus habitantes” (Pimenta Filho, 1979, p. 87). Foram diversas campanhas, “lutas pela liberdade e pela livre manifestação do pensamento; já teve até as suas portas lacradas como consequência do que proferiu em defesa do direito dos cidadãos” (Pimenta Filho, 1979, p.88). Seu fechamento momentâneo foi superado e serviu “para advertir a quem, por um descuido qualquer, tentasse exorbitar ou degenerar autoridade que lhe fosse conferida pelo povo, ou por autoridades superiores” (Pimenta Filho, 1979, p. 88).

Em uma cidade que registrou um crescimento populacional tão significativo em um curto espaço de tempo, os problemas de infraestrutura urbana foram pauta das reclamações dos moradores. Serviços de fornecimento de água e de energia elétrica, por exemplo, eram precários e os habitantes exigiam melhorias das autoridades. A rádio era um espaço para a manifestação de injustiças e luta por direitos, opondo-se aos grupos dominantes.

Na pauta das narrativas históricas referentes à rádio consta a luta por liberdade de expressão, fato que marcou não somente a história da Rádio Educadora Rio Doce, mas da imprensa de Governador Valadares como um todo. O caminho da denúncia, postulado inicialmente pela emissora, acabou se somando a outros jornais e a Associação Valadarense de Rádio e Imprensa, juntamente com outras rádios que surgiram ao longo da década de 1950 (Pimenta Filho, 1979). Essa postura da rádio foi importante nas décadas seguintes. Um episódio marcante ocorreu em 1964, quando a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e, posteriormente, a sede do jornal esquerdista *O Combate* foram atacados por milícias, a mando de fazendeiros que estavam descontentes com um decreto da Superintendência de Reforma Agrária (SUPRA), que desapropriou terras não produtivas para direcioná-las à reforma agrária. Relatos do jornalista Carlos Olavo da Cunha Pereira, proprietário do jornal *O Combate*, revelam o risco diário enfrentado pela imprensa da cidade ao expor os desmandos da elite local. O semanário noticiava “a violência policial, o assassinato de posseiros e lavradores, a exploração dos trabalhadores urbanos, os despejos de ‘sem-terra’ sem amparo legal, as prisões arbitrárias



e tortura de trabalhadores, o coronelismo e a corrupção política” (Felipe-Silva; Espíndola; Genovez, 2010, p. 6).

Ainda de acordo com os relatos de Carlos Olavo, a estação ferroviária velha servia como depósito temporário de toras de madeiras, que posteriormente seriam comercializadas. Naquele local, frequentemente apareciam corpos, em geral, de pequenos produtores rurais expulsos por grileiros. Não havia suspeitos do crime e nem apareciam testemunhas encorajadas a denunciar. E também não havia interesse em identificar os culpados, nem os punir. Nesse cenário, o papel da imprensa em denunciar era algo necessário para tentar mudar aquela rotina de criminalidade e desmandos (Felipe-Silva; Espíndola; Genovez, 2010). Esse papel de denúncia do jornal *O Combate* acabou sendo relativizado pela criação de um outro jornal, o *Diário do Rio Doce* (1958), com o intuito de ser um espaço de expressão da elite local.

A criação da Associação Valadarense de Rádio e Imprensa, nesse sentido, retrata o apoio dos profissionais que atuavam nos veículos de comunicação entre si, como forma de enobrecer o trabalho da imprensa. Em sua fase inicial, a Rádio Educadora Rio Doce adotava uma postura mais combativa, com duras críticas aos desmandos de autoridades policiais, atuando na mesma linha do jornal *O Combate*, na década de 1960. Já o jornal *Diário do Rio Doce*, criado com a finalidade de ser oposição, dava voz aos que eram atacados no outro jornal, *O Combate*, e nos demais meios de comunicação (Felipe-Silva; Espíndola; Genovez, 2010). Mesmo os meios de comunicação estando em lados opostos, verifica-se uma noção de pertencimento dentre os vários profissionais da imprensa. Não há comprovação empírica suficiente para pensarmos em consciência de classe, mas alguns exemplos nos levam a considerar que possuíam uma noção de grupo e de autoproteção.

Para referir esse aspecto combativo, citamos o caso de Jarbas de Oliveira, da Rádio Educadora Rio Doce, que apesar de uma atuação considerada amena, teceu críticas à atuação da polícia local em seu programa, onde apresentava a crônica “Pelos Ruas da Princesa”. Ele foi agredido (Santos, 2006). Pode-se inferir que a atuação da polícia junto aos estudantes excedeu os limites do aceitável, na tentativa de calar o movimento estudantil, que reivindicava por liberdade na década de 1960 e fora denunciada na rádio. As situações de censura e atuação truculenta da polícia fora relatada na programação:



A imprensa não se intimidou. E a rádio, sob a batuta de Osman Monteiro, foi para o ar criticar a prepotência e a corrupção na delegacia. Eu estava envolvido. Não diziam meu nome, mas falava da delegacia, e eu estava na delegacia. Então, Valdir resolveu fechar a rádio. Lá, aconteceu uma coisa interessante: o delegado entrou violento, bravo, em cima de Osman, Jarbas de Oliveira e um outro, mas os três não se intimidaram, responderam a altura e meia hora depois o delegado estava quase pedindo desculpas. Mas eu já tinha fechado a rádio. Fiquei lá, o delegado se retirou, e eu aguentei toda a “bomba”. O próprio comandante Marques Rosa não aceitou de modo algum, o comportamento da delegacia. Mas só pode desaprovar. E a rádio ficou fechada por mais de 24 horas, só sendo reaberta com a vinda do delegado Alencar Rochedo. Fechei a rádio sem qualquer motivo, senão a solidariedade a um colega que estava errado, mas era um colega (Santos, 2006, p. 64-65).

O trecho acima corrobora a narrativa que constitui a emissora como agente de resistência. Entretanto, cabe ponderar que, em meio a Ditadura Militar, a rádio se alinhou ao governo, cabendo aos radialistas um posicionamento independente. Caso as informações passadas pelos locutores pela rádio desagradassem os policiais, as represálias eram sentidas imediatamente, a tal ponto de tirar a emissora do ar, impedindo que os ouvintes tivessem acesso ao seu sinal. Osman Monteiro teve uma morte trágica. Sugere-se, inclusive, que a motivação do crime esteja ligada à atuação dele como comunicador e, posteriormente, também proprietário da Rádio Educadora (Santos, 2006).

Enfim, tanto as informações documentais quanto as memorialistas não são suficientes para termos uma visão ampliada da rádio e de sua consolidação territorial. Todos os aspectos históricos apresentados devem ser considerados em articulação aos aspectos territoriais de seu estabelecimento, num diálogo estreito entre a História, a Geografia e a Comunicação, como veremos no próximo item.

### **Aspectos territoriais da Rádio Educadora Rio Doce e o diálogo com a Geografia da Comunicação**

Na década de 1950, o governo brasileiro concedeu outorgas de funcionamento para 276 rádios, com maior concentração de emissoras nas unidades federativas das regiões Sul e Sudeste (Brasil, 2022). O estado de São Paulo ocupou, nesse período, o primeiro lugar no *ranking* dos estados com mais rádios: 103 emissoras, três vezes mais do que a soma de todas as rádios localizadas nos estados das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Minas Gerais era, então, o





segundo estado com mais rádios, totalizando 50. O Rio de Janeiro contava com 18 emissoras e o Espírito Santo tinha apenas três estações de rádio.

O início das transmissões em Minas Gerais teria ocorrido em Juiz de Fora, em 1926, com a Rádio Sociedade de Juiz de Fora e, logo em seguida, com a Rádio Mineira, em 1927, em Belo Horizonte (Prata, 2003, p. 68). Em muitos casos, as datas de início de funcionamento são diferentes daquelas do registro oficial de outorga. De um modo geral, as rádios iniciavam suas atividades com transmissões experimentais, com lapso de tempo longo entre uma e outra, até conseguirem efetivamente a concessão, que era um processo lento e com muitas etapas, até a efetiva conclusão (Campelo, 2010). Especificamente em Minas Gerais, as concessões oficiais de outorga ocorreram na década de 1930, em Belo Horizonte: Rádio Mineira (outorga em 06 de fevereiro de 1930), com a transmissão da Orquestra Sinfônica de BH; Rádio Inconfidência e a Rádio Guarani, com outorgas em 1936 (Campelo, 2010). Além da capital, Juiz de Fora (1938) e Ubá (1940) também obtiveram outorgas, ressoando os centros irradiadores do Rio de Janeiro e de São Paulo.<sup>3</sup>

Ao longo da década de 1940, foram registradas sete concessões para Minas Gerais. Novamente foram contempladas as regiões sul (Passos) e zona da mata (Barbacena, Leopoldina e Ponte Nova). Verifica-se uma leve dispersão, com emissoras de rádio chegando ao centro-oeste do estado (Formiga), triângulo mineiro (Araguari) e ao norte de Minas (Montes Claros). Em fins da década de 1940, houve um aumento significativo nas outorgas liberadas, perfazendo um total de 38, adentrando gradativamente o interior do estado. As regiões que já tinham rádios foram novamente beneficiadas, porém, em outras cidades. Outras regiões do estado começaram a ser contempladas, ainda que em menor proporção, como: Alto Paranaíba, Vale do Mucuri e Vale do Rio Doce (Brasil, 2022).

Independentemente das datas, que divergem de acordo com a fonte estudada, há uma questão interessante a ser notada. Das cinquenta rádios mineiras com outorga publicada no Diário Oficial da União (DOU) até 1950, metade estava localizada na zona da mata ou no sul de Minas. Regiões como o norte de Minas e o Vale do Mucuri figuravam, cada uma, com apenas uma única estação. Já o Vale do Jequitinhonha, até a referida data, não possuía rádio

---

<sup>3</sup> De acordo com IBGE, no Anuário Estatístico do Brasil de 1950, a cidade de Juiz de Fora contava com 129.092 habitantes, Ubá possuía 40.927 habitantes e Pouso Alegre continha 29.367 habitantes.







oficialmente. O Vale do Rio Doce passou a ter três emissoras de rádio, dentre elas, a Rádio Educadora Rio Doce.

No Vale do Rio Doce, a primeira cidade a conseguir uma concessão de rádio foi Caratinga, em 17 de janeiro de 1947, com autorização para operar na frequência 970 AM, que está em vigor até a atualidade (Rádio Sociedade Caratinga LTDA). A cidade possuía, na época, aproximadamente 74.202 habitantes (IBGE, 1951). A Rádio Sociedade foi “o primeiro serviço de comunicação em Caratinga e teve sua origem através de um português, de nome Ezequiel Augusto, que instalou na cidade um alto-falante, entrando no ar com músicas, informações, comerciais e radionovelas” (Rihan, 2018). Mais tarde, o serviço de alto-falante deu lugar à identificação ZYS-6: Rádio Sociedade Caratinga. A sociedade foi adquirida por Sali Teófilo Nacur, Clemente Nunes Maria e Francisco Onofre Pereira, grupo de Teófilo Otoni. Mais tarde, empresários de Caratinga adquiriram a empresa: José Moreira Dias, Monir Ali Saygle e Eurico Gade (Rihan, 2018). Outras duas emissoras foram outorgadas para o Vale do Rio Doce nessa época, ambas no ano de 1950: uma em Governador Valadares, a Rádio Educadora Rio Doce, e outra em Aimorés, operando num padrão semelhante às grandes rádios, com artistas famosos e auditórios lotados.

O modo como as rádios foram distribuídas pelo território nacional denuncia o processo de territorialização da radiodifusão, privilegiando os grandes centros urbanos e disseminando tanto os valores quanto a cultura da modernidade. Até a década de 1950, momento em que a Rádio Educadora Rio Doce inicia suas transmissões e se consolida, os meios de comunicação ainda estavam incipientes no Vale do Rio Doce, e aos poucos, com o surgimento de outros meios de comunicação e o cinema, expandem o papel de Governador Valadares como um polo regional de modernidade e civilização. Geograficamente, o território valadarense se torna um produto histórico permeado pelas mudanças comunicacionais e sua apropriação social se redimensiona a partir das novas relações recíprocas advindas de um contexto permeado por tecnologias inovadoras, conectando o Sertão do Rio Doce ao restante do Brasil e, ao mesmo tempo, aproximando a população local dos grandes artistas e das figuras nacionais proeminentes.

Entretanto, se por um lado a rádio emana a vanguarda técnica e a modernidade no cotidiano da população local, por outro lado, não há como negar que novas formas e relações



de poder e controle também acabaram se estabelecendo, desde o controle dos meios comunicacionais e culturais por parte da família Ramos, como do que passa a ser noticiado, de quem se torna alvo de críticas ou de elogios, das ações e valores que passam a ser veiculados diariamente, do que é revelado ou encoberto, até a seleção de quais figuras notórias da música brasileira chegará a cidade. De um modo aparentemente corriqueiro, a proeminência da família Ramos denota o quanto a “indústria de mídia e telecomunicações esquadrinha formas de controle do espaço, que se configuram nos conglomerados” (Moreira, 2012, p. 16). Apesar de o Estado exercer o papel de regulador, por meio das concessões, vários territórios se configuram mediante a atuação de grupos ou famílias que deles se apropriam e passam a exercer uma dada territorialidade, conduzindo e controlando fluxos informativos, assim como “as interações reais e simbólicas entre pessoas e pessoas, entre pessoas e indústrias, entre pessoas e Estados, entre pessoas e ambientes” (Moreira, 2012, p.10).

Essa perspectiva territorial encontra-se inserida na Geografia Humanista Cultural. Cosgrove (2004) propõe maneiras de como tratar a Geografia como uma ciência social, investigando os domínios da atividade humana em termos espaciais e suas expressões ambientais por meio da análise de três termos: paisagem, cultura e simbolismo. Assim, entendemos o território onde os veículos de comunicação estão instalados como espaços geográficos em uso pelos seres humanos. Nesse sentido, os meios de comunicação contribuem para a disseminação das informações e devem ser atentamente considerados como replicadores do comportamento e da cultura dos indivíduos. A comunicação das pessoas se dá num território que é o espaço geográfico apropriado, são partes de um mesmo processo apoiado em uma mediação cultural (Claval, 2003).

É preciso, também, refletir sobre a formação histórica do território comunicacional da Rádio Educadora Rio Doce, considerando-a “como resultado e condição de um processo histórico, em que há relações socioespaciais em diferentes níveis escalares (trans-escalaridade)” (Saquet, 2010, p. 81). Além disso, “é importante se contextualizar os processos territoriais em cada período e lugar, em constante movimento de des-continuidades; desigualdades e diferenças, envolvendo aspectos dos domínios natural e social” (Saquet, 2010, p. 82). A rádio, portanto, não pode ser considerada separada dos demais processos territoriais em andamento, tanto no nível local envolvendo as mais diversas territorialidades como no caso dos grupos que

se enfrentaram no momento da inauguração e dos vários casos de censura e perseguição, quanto num nível mais abrangente, quando ela se torna um importante aparato de educação civilizatória, modernizando o sertão, alinhando-o aos moldes urbanos de âmbito nacional.

Essa formação territorial também se apoia numa relação espaço-tempo central no entendimento do conceito de território no nível do vivido, em suas variadas dimensões: economia, política, cultura e natureza exterior ao homem (E-P-C-N). Essa relação espaço-temporal do vivido emerge nas diversas narrativas referentes à rádio e seus múltiplos personagens, exaltados em determinados aspectos, como o caso do pioneirismo do seu fundador, sem considerar o caráter elitista que essa concentração dos meios midiáticos locais ocasionou. As territorialidades emanadas a partir da rádio flutuavam, assim como a emissão de suas ondas de radiodifusão implementando campanhas solidárias, mas, ao mesmo tempo, estabelecendo relações assistencialistas; promovendo o bem-estar da população local e, em contrapartida, impondo uma cultura nacional urbana, num contexto profundamente marcado pela cultura rural e dos povos originários; propagando uma dada neutralidade ao mesmo tempo em que promovia valores cristãos, educando uma população ainda imersa numa outra temporalidade às voltas com as benzeduras, as parteiras e os raizeiros, considerados pela elite local como pré-modernos (Vilarino, 2020).

Por fim, falar da formação territorial da rádio é, portanto, considerar a articulação do tempo histórico e o tempo das coexistências (pluriescalaridade). Um movimento composto por articulações territoriais horizontal e verticalmente. Essas articulações são internas e externas à formação territorial da rádio, abarcando aspectos na economia, na política, na cultura e em todos os demais âmbitos.

### **Considerações finais**

No momento em que a radiodifusão completa 104 anos no Brasil<sup>4</sup>, é fundamental resgatar a formação histórica e territorial da Rádio Educadora Rio Doce. Entretanto, a compreensão do papel social e cultural por ela desempenhado deve ir além das narrativas

---

<sup>4</sup> Levantamentos de especialistas da área indicam que o começo da história do rádio no país ocorreu com a inauguração da Rádio Clube de Pernambuco, em Recife, PE, em 6 de abril de 1919, anterior, portanto, à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, como correntemente se lia nas publicações do assunto (Alcar, 2019; Assad, 2020).

documentais e do memorialismo local. Cabe uma perspectiva crítica de sua configuração territorial e das inúmeras territorialidades que evocou, consolidou e/ou rivalizou.

Efetivamente, a Rádio Educadora Rio Doce produziu um território e tornou-se um território a partir de sua programação. Sua expressão territorial, mais do que racionalizada, foi sentida em cada ouvinte. Suas ações, seja por meio de uma política ideológica deliberada ou por atitude dos próprios radialistas, redimensionou e intensificou a complexidade da dinâmica territorial local. A emissora efetivamente educou, divulgando a modernidade em meio ao Sertão do Rio Doce, inculcando uma cultura urbana e reafirmando um grupo elitista em contraponto aos ruralistas já estabelecidos.

Sua dinâmica interferiu efetivamente no processo histórico local, trazendo novo colorido às tramas sociais, veiculando informações, histórias, memórias e interesses. Símbolo de pioneirismo na narrativa memorialista e documental, foi de fato um instrumento informacional potente. Ao mesmo tempo que alertava a população sobre a violência cotidiana também a encantava com os reis e rainhas que embalavam o imaginário do Brasil. Em síntese, pelo papel exercido desde 1950, a Rádio Educadora Rio Doce deve ser considerada um importante agente transformador de Governador Valadares.

### Referências

ALCAR [Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia]. **Carta de Natal**. [S. l.]: Alcar, 2019. Disponível em: <https://redealcar.org/carta-de-natal/>. Acesso em: 01.08.2023.

ASSAD, Germano. **Estudo apresenta nova perspectiva sobre a história do rádio no Brasil**. Curitiba: Associação das Emissoras de Rádio e Televisão do Paraná-Aerp, 08 dez. 2020. Disponível em: <https://aerp.org.br/geral/estudo-apresenta-nova-perspectiva-sobre-historia-radio-brasil/>. Acesso em: 01.08.2023.

CAMPELO, Wanir. História sonora de uma cidade: belo cenário para um novo Horizonte radiofônico. In: PRATA, Nair (org.). **O Rádio entre as montanhas**: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: Fundac, 2010. p. 219-234.

CLAVAL, Paul. **A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia**. Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147-166.

BRASIL. Controladoria-Geral da União. **Listagem de rádios em funcionamento em 1950**. Brasília: CGU, 2022.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: COSGROVE, Denis (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

DÂNGELO, Newton. “Acabam de ouvir...” A PRC-6 – Rádio Difusora de Uberlândia. *In*: DÂNGELO, Newton; DE SOUSA, Sandra Garcia (org.). **Noventa anos de rádio no Brasil**. Uberlândia: EDUFU, 2016. p. 79 - 96.

DUNGA, Diego. Sotero Inácio Ramos: um pioneiro dos cinemas. **Jornal Diário do Rio Doce**, 29 maio 2016. Disponível em: <https://issuu.com/websano/docs/diario29052016/6>. Acesso em: 19 mar. 2022.

ESPINDOLA, Haruf S. A história de uma formação socioeconômica urbana: Governador Valadares. **Varia História**, Belo Horizonte, v.19, p. 148-163, nov. 1998.

FELIPE-SILVA, Fernanda de Melo; ESPINDOLA, Haruf Salmen; GENOVEZ, Patrícia Falco. **Memórias da disputa pela terra em Governador Valadares sob os olhares de três atores distintos: pai, mãe e filha**. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL – TESTEMUNHOS: HISTÓRIA E POLÍTICA, 10, 2010. **Anais [...]**. Recife: UFPE, 2010. Disponível em:

[https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270410641\\_ARQUIVO\\_MemoriasdaDisputaPelaTerraemGovernadorValadaressobosOlharesdeTresatoresDistintosPaimaeeFilha-PorFernandadeMeloFelipedaSilva.pdf](https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270410641_ARQUIVO_MemoriasdaDisputaPelaTerraemGovernadorValadaressobosOlharesdeTresatoresDistintosPaimaeeFilha-PorFernandadeMeloFelipedaSilva.pdf). Acesso em: 20 mar. 2022.

FRANCO, Carlos Roberto Pereira. As horas se foram... pior para os minutos e os segundos. *In*: DÂNGELO, Newton; SOUSA, Sandra Sueli Garcia de (org.). **Noventa anos de rádio no Brasil**. Uberlândia: EDUFU, 2016. p. 129-144.

GENOVEZ, Patrícia Falco. **Memórias e histórias de Governador Valadares (1910-2019): sua formação territorial e o Parque Municipal Figueira do Rio Doce (Projeto integrador)**. Recurso eletrônico. Governador Valadares: UNIVALE. 2019.

GENOVEZ, Patrícia Falco. **Memória institucional**. Governador Valadares, MG. 2022. Disponível no Centro de Memória e Cultura da UNIVALE. Texto não publicado.

GILIOLI, Renato de Sousa Porto. **Educação e cultura no rádio brasileiro: concepções de radioescola em Roquette-Pinto**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-18062008-164233/publico/Renato\\_de\\_Sousa\\_Porto\\_Gilioli\\_tese.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-18062008-164233/publico/Renato_de_Sousa_Porto_Gilioli_tese.pdf). Acesso em: 28 mar. 2022.

GUIMARÃES, Cristiana Maria de Oliveira. **Novos valores, velhas questões: o planejamento urbano em Governador Valadares**. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de



Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em:  
[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-96NJGZ/1/vers\\_o\\_entrega\\_final\\_080709.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-96NJGZ/1/vers_o_entrega_final_080709.pdf). Acesso em: 25 mar. 2022.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento de Divulgação Estatística, Fundação IBGE, 1951.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **História & Fotos**. Brasília: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/historico>. Acesso em: 23 out. 2022.

LEVINE, Roberto M. **Pai dos pobres?** O Brasil e a era Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOREIRA, Sonia Virginia. **Geografias da comunicação**: espaço de observação de mídia e de culturas (org.). São Paulo: INTERCOM, 2012.

OLIVEIRA, Dandara de. **De São Borja ao Catete**: a campanha de Getúlio Vargas e a Tribuna da Imprensa na eleição presidencial de 1950. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/179702/TCC-\\_Dandara\\_de\\_Oliveira.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/179702/TCC-_Dandara_de_Oliveira.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 25 mar. 2022.

PIMENTA FILHO, Ruy. **No sopé do ibituruna**: conversa ao pé do fogo. Belo Horizonte: Vega, 1979.

PRATA, Nair. História do rádio em Minas Gerais. In: HAUSSEN, Doris Fagundes (org.). **Rádio brasileiro**: episódios e personagens. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. v. 29, p. 67.

PRATA, Nair. **O rádio entre as montanhas**: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: Fundac, 2010.

RAPPORT, Nigel; OVERING, Joanna. Narrative. In: RAPPORT, Nigel; OVERING, Joanna (org.). **Social and Cultural Anthropology**. The key concepts. Routledge: London, 2000. p. 283-290.

RADIO EDUCADORA RIO DÔCE LIMITADA. **Contrato Social da Radio Educadora Rio Dôce Limitada**. Governador Valadares, Minas Gerais, de 11 de maio de 1949.

RADIO EDUCADORA RIO DÔCE LIMITADA. **Adendo de Contrato Social da Radio Educadora Rio Dôce Limitada**. Governador Valadares, Minas Gerais, de 08 de julho de 1950.

RIHAN, Neyde. Rádio Caratinga completa 70 anos de pioneirismo e serviços prestados na radiodifusão. **Diário de Caratinga**, Caratinga, 11 nov. 2018. Disponível em: <https://diariodecaratinga.com.br/radio-caratinga-completa-70-anos-de-pioneirismo-e-servicos-prestados-na-radiodifusao/>. Acesso em: 31 out. 2022.

SANTOS, Parajara dos. **100 anos de fotografias**: história fotográfica de Governador Valadares: Photographic history of Governador Valadares. [Governador Valadares]: [s.n.], [2006].

SAQUET, Marcos Aurélio. Proposições para estudos territoriais. **GEOgraphia**, Niterói, v. 8, n. 15, 2010.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Editora expressão popular, 2009.

SCHMITT, Rogério. **Partidos Políticos no Brasil (1945-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SILVA, Jaider Batista da. A Bíblia, a bota e o boi: a presença protestante na colonização do Médio Rio Doce. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 11, p. 6-18, set./dez. 2006.

VARGAS, Gilka Padilha de. Direção de arte: do cinematógrafo ao cinema digital. Revista **Orson**, Pelotas, v. 4, p. 186-201, 2013. Disponível em: [https://orson.ufpel.edu.br/content/04/artigos/o\\_processo/gilka\\_vargas.pdf](https://orson.ufpel.edu.br/content/04/artigos/o_processo/gilka_vargas.pdf). Acesso em: 30 out. 2022.

VAZ, Anita. **Frutos de uma figueira**. Governador Valadares: Gráfica Radiante, 1984, v. 1.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas. **Hábitos culturais e cuidados com a saúde**. Resistências e mudanças. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020.

Submetido em: 05.03.2023

Aprovado em: 01.08.2023